

Tributo a John Lennon

Luiz Marques

07/10/2026

1.

A foto no álbum *Abbey Road*, dos Beatles, é tirada em uma avenida com o nome da gravadora na qual o famoso quarteto produzia joias artísticas, num distrito da Grande Londres. Nessa icônica capa do disco, em fila indiana, vê-se John Lennon, Ringo Starr, Paul McCartney e George Harrison atravessando a pista sobre uma faixa de segurança para os pedestres. A simbólica imagem da travessia, que trilha o percurso da esquerda para a direita na via pública, transmite a melancolia da manhã de esplendor que faltou ao encontro.



Abbey Road chega ao público um ano e meio após o Maio de 1968. Vem à luz no período de enlutamento dos acenos revolucionários de um movimento iniciado na Universidade Paris-Nanterre, aproveitando a brecha do sistema. A diferença é que, então, as mega mobilizações haviam arrefecido.

Trata-se da última gravação dos “Fab Four” originários de Liverpool. Ano seguinte, quando o conjunto havia se desintegrado, é lançado *Let It Be* (1970) que estampa rostos em janelas compartilhadas. O “grupo em fusão em um campo de forças em interação”, para evocar a *Crítica da razão dialética* (1960), de Jean-Paul Sartre, era página virada. Restava a mensageiros de novidades as rondas noturnas em bares de poetas e de marginais, em esquinas malditas.

A música de despedida é um réquiem de lamento ao tempo de luzes se apagando. *Come Together*, de John Lennon, creditada à dupla Lennon / McCartney, anuncia o retorno da ordem do egoísmo na pele do individualismo de novo tipo: “*Here come old flat top... / He say I know you, you know me / One thing I can tell you is / You got to be free / Come together, right now / Over me*”. (“Lá vem o velho mais chato... / Ele diz: ‘eu conheço você, você me conhece’ / Uma coisa que eu posso dizer pra você / É que você tem que ser livre / Junto a mim”).

Velho é o tempo que, como uma praga, aprisiona a utopia na teia conservadora do passado. A tradição de mando e obediência tutela a realidade. Em consequência, a conceituação da liberdade se dissocia do futuro. A emancipação esmorece, e a festa termina no amargo retrocesso ao *status quo*.

A frase “O sonho acabou”, de John Lennon, alude a cortina que cai sobre o palco da contracultura, do combate à invasão no Vietnã e do engajamento em causas sociais. Mas *Give peace a chance* (1969) e *Power to the people* (1970) reanimam a resiliência. O ideal-guia da solidariedade permanece em atividade. *Imagine* (1971) mantém acesa a chama no coração da humanidade. A rebeldia não desiste de sonhar, performar e prospectar outra sociabilidade.

2.

Les enfants terribles nas barricadas de Paris escrevem nos muros as “palavras de desordem” avessas à rotina e ao desencanto. “Proibido proibir”, para denunciar a repressão policial. “Deus está morto, Marx está morto e eu não ando me sentindo bem”, para pregar a vontade de mudança. “Sejam realistas, peçam o impossível”, para rejeitar qualquer reforma paliativa. “A imaginação ao poder”, para superar as tecnocracias governamentais. “Façam amor, não façam a guerra”, para erguer o estandarte da paz. A radicalidade paira no ar pesado.

O espírito de transformação frequenta o maio estudantil e o maio operário, com a greve geral que paralisa 10 milhões de trabalhadores na França. Direções sindicais cedem aos conselhos de fábricas. Cartazes de Che Guevara vão às passeatas. A “Primavera de Praga”, na Checoslováquia, se levanta contra a burocracia soviética – as larvas vulcânicas transcendem o conformismo. As ações políticas assumem o perfil internacional, antiimperialista e antiburocrático.

Para resguardar o equilíbrio geopolítico fixado na Conferência de Yalta, o Partido Comunista Francês não apoia uma reatualização da era das revoluções, e tacha o ensejo de “pequeno burguês e divisionista”. O acordo entre sindicatos, empresas e o governo do primeiro-ministro Georges Pompidou fecha o ciclo que dissolveu a Assembleia Nacional e antecipou as eleições. O jornal *L’Humanité* (PCF) saúda “o regresso vitorioso e a unidade do trabalho”. Pois é.

Na crise sistêmica, em São Francisco, nos Estados Unidos, surgem comunidades *hippies* que pregam o pacifismo, o amor livre e o respeito à natureza. Espalha-se a ideia de uma sociedade alternativa no interior do capitalismo. Ouve-se o eco dos socialistas utópicos no século XIX (Saint-Simon, Charles Fourier, Robert Owen) por uma ambiência mais justa e igualitária, com táticas para remodelar *in totum* a paisagem urbana e também rural. Sem violência.

O Festival de Woodstock, em agosto de 1969, em uma fazenda a 60 km da cidade homônima, é o local tranquilo para subverter a moral e os costumes com melodias de Bob Marley, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Joan Baez, Santana, The Who, etc. Anjos insurretos iluminam a civilização do espetáculo. A coexistência na diversidade anuncia possibilidades na contramão do colonialismo. Sob o céu que abre o largo sorriso empodera-se a teimosia dos novos sujeitos.

Se Ataulfo Alves, falecido meses antes, lá estivesse com seu bandolim cantaria: “Eu igual a toda meninada / Quanta travessura que eu fazia / Jogo de botão sobre as calçadas / Eu era feliz e não sabia”. Sem os grilhões da alienação desfaz-se o reino da mercadoria. Aquele que contava dinheiro reinventa o prazer nos direitos humanos, promove a justiça ambiental e celebra a camaradagem com o *xamã* que ajuda o povo a achar a saída do labirinto, no escuro.

3.

A burguesia conclui que o antídoto aos protestos das jovens gerações, alijadas do circuito produtivo, passa pela integração à gramática do consumo com produtos baratos e de baixa qualidade para evitar as rebeliões. O fator econômico interpreta os acontecimentos com o prisma do comércio, propondo-se treinar consciências e hábitos para lubrificar os mecanismos da reificação e da dominação de classe. O próprio mercado se dispõe desarmar as ameaças.

Os alfaiates perdem espaço quando as roupas prontas para vestir (*prêt-à-porter*) democratizam a moda. A coisa consolida-se com o lançamento da coleção Pierre Cardin na loja *Printemps*, no Boulevard Haussmann.

O estilista Ives Saint Laurent incorpora-se ao desafio de alimentar os magazines populares. Trata-se de trocar a condição de cidadão pela do consumidor frenético.

Embora o apelo ao consumo se dissemine bastante, sociólogos ligados à Teologia da Libertação consideram que o problema maior na América Latina não reside no consumismo, porém na desigualdade social. Se a febre consumista é um pecado no Norte, ao Sul prevalecem os carecimentos dadas as demandas insatisfeitas por necessidades básicas. Motivo para contestações.

A herança sessentista contra toda forma de discriminação e opressão apresenta-se na música-militante *Woman is the nigger of the world* (1972), de John Lennon, sob boicote das rádios à composição. Os vocábulos “*nigger* / negro” ou “*nigga* / negra”, em inglês, insultam os afrodescendentes. Nas infames *plantations* serviam para classificar os escravizados como “sub-humanos”.

Os homens brancos não estão autorizados a reutilizar a expressão. “*Woman is the nigger of the world / Yes she is... think about it / Woman is the nigger of the world / Think about it... do something about it / Woman is the slave of the slaves*”. (“A mulher é o negro escravo do mundo / Sim ela é... pense nisso / A mulher é o negro escravo do mundo / A mulher é a escrava dos escravos”).

“*We make her paint her face and dance / If she won't be a slave, we say that she don't love us / We make her bear and raise our children / And then we leave her flat for being a fat old mother hen*”. (“Fazemos ela se maquiar e dançar / Se ela não quiser ser escrava, dizemos que ela não nos ama / Fazemos ela ter e criar nossos filhos / E depois a abandonamos por ser uma velha mãe gorda”). A canção é tida, na National Organization for Women, um libelo feminista.

A recordação de John Lennon (09/10/1940 a 08/12/1980) impulsiona a esperança na travessia da intempérie, com atos de rua e diálogos em redes sociais – agora da direita para a esquerda na faixa de segurança mundial. Se o Brasil é antes de tudo um forte, as filhas da nação são sua bússola. Chegou a hora de vencer a serpente do mal, para o bem-estar coletivo e a felicidade geral.

Luiz Marques é Docente de Ciência Política na UFRGS, ex-Secretário de Estado da Cultura / RS.

Compartilhe nas redes: